

# A CRISE CRÍTICA DA DOCTRINA DO CHOQUE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

---

Paulo Octavio da Silva Guidolini<sup>81</sup>

## RESUMO

Neste artigo propõe-se uma crítica à concepção idealista de crítica ao neoliberalismo presente no livro, “A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre”. Utilizando da crítica da economia política como fio condutor metodológico, buscar-se-á, ao longo do artigo, iniciar um processo de apropriação da investigação jornalística da autora a fim de construir uma crítica ao capitalismo em essência, a partir da teoria marxista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Capitalismo; Crise; Crítica; Doutrina do Choque.

## 1. INTRODUÇÃO

O livro alvo da crítica - “A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre” -, desde seu lançamento, tem sido uma importante ferramenta de análise sobre o avanço do neoliberalismo no capitalismo contemporâneo e seu modus operandi. Bem recebido pelo público e pela mídia, o livro da autora Naomi Klein foi lançado originalmente em 2007 pela editora Knopf Canada e traduzido para o português pela editora Nova Fronteira em 2008. A autora Naomi Klein faz uma investigação minuciosa sobre os métodos de avanço do neoliberalismo.

Entendendo a importância, atualidade e pertinência da obra, este artigo tem como objetivo, não descreditar esta importância, mas sim, elaborar uma crítica utilizando-se do método da crítica da economia política. Para atingir o objetivo proposto, o presente trabalho está estruturado da seguinte forma. A primeira seção é dedicada a uma apresentação da ideia central da obra de Klein. Na seção subsequente, o objetivo será o de debater os conceitos de crise e crítica, utilizando, como base, a crítica da economia política, com o intuito de destacar a forma dialética como esses dois processos se integram no interior da teoria marxista para entendermos a essência do desenvolvimento crítico do modo de produção capitalista. Na terceira e última seção, utilizando-se

---

<sup>81</sup> Graduando em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET/SESu - do curso de Ciências Econômicas.

dos elementos propostos e da perspectiva metodológica apresentada na segunda seção, será o momento de analisar criticamente a tese da doutrina do choque proposta por Klein.

Ainda sobre a estrutura do artigo, na primeira seção serão feitas recorrentes citações da obra chave deste trabalho. Destaca-se, desde já, a pertinência e importância destas, dado o intuito de não se perder o sentido original que a autora busca demonstrar.

As citações diretas, referentes ao artigo “A análise marxista ajuda a compreender a crise atual do capitalismo” do Professor Doutor António José Avelãs Nunes, estão mantidas da forma original da qual foram escritas e podem parecer conter erros de acentuação, isto se deve às diferenças nas normas da escrita entre Portugal e Brasil.

## **2. A DOCTRINA DO CHOQUE**

O livro “A Doutrina do Choque: A ascensão do capitalismo de desastre” da escritora, documentarista e jornalista Naomi Klein,<sup>82</sup> lançado em 2007 e com documentário homônimo de 2009, faz uma abordagem jornalística do desenvolvimento e aplicação das políticas neoliberais durante a história.

Acompanhando sua abordagem, a autora busca apresentar a tese de que as experiências de estabelecimento das políticas neoliberais se deram exclusivamente em momentos de choques, ou seja, em momentos de desorganização e crise de âmbito social, política, econômica ou natural - usando de exemplos do livro: golpes de estado, hiperinflações, atentados terroristas, furacões e tsunamis - em tal momento de crise a população apresenta uma janela de oportunidade para a realização de reformas nocivas as capacidades de produção e reprodução social da vida, devido ao momento de desorientação coletiva causada pelo choque traumático da vez.

Sendo assim os “arquitetos econômicos” de tais medidas - no livro, personificados por Milton Friedman<sup>83</sup>, pela escola de Chicago e a teoria econômica neoliberal - sejam responsabilizados e culpabilizados pela anomia social causada, representada pela fome, violência, tortura, desigualdade e repressão.

### **2.1. A ASCENSÃO DO CAPITALISMO DE DESASTRE**

---

<sup>82</sup> Naomi Klein é uma jornalista premiada e autora de best-sellers no New York Times. Ela é correspondente sênior do jornal The Intercept, parceira do programa Puffin Writing no Type Media Center e é a ocupante inaugural da cadeira Gloria Steinem Endowed em mídia, cultura e estudos feministas na Universidade de Rutgers.

<sup>83</sup> Milton Friedman (1912 - 2006) foi um economista, estatístico e escritor norte-americano. Lecionou na Universidade de Chicago por mais de três décadas. Friedman recebeu o Prêmio de Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel de 1976.

O influente economista, propagador e ideólogo da escola de pensamento neoliberal da escola de Chicago, Milton Friedman é, para Klein (2008), peça central no entendimento do avanço das políticas econômicas de neoliberais, desde o golpe militar deflagrado pela junta militar chilena contra o presidente Salvador Allende, que deu início a ditadura de Augusto Pinochet em 1974, até a privatização da segurança e do exército estadunidense a partir da “Guerra ao Terror” no Iraque.

Ainda sobre Friedman, nas diversas produções jornalísticas disponíveis produzidas em geral pela grande mídia, raramente o Economista é confrontado e responsabilizado pelas consequências que acompanhavam suas ideias. Após seu falecimento em 2006, uma tendência contrária a responsabilizá-lo aconteceu. Friedman é posto então como o maior defensor do capitalismo e peça reestruturante e de salvaguarda do capitalismo contemporâneo. Essa elevação do Neoliberalismo e do próprio Friedman, teve, segundo Klein, como seu maior bastião “uma versão fantasiosa depurada de toda violência e coerção tão intimamente relacionadas à sua cruzada, e representa o golpe de propaganda mais bem sucedido das últimas três décadas” (KLEIN, 2008).

Em relação a história oficial, esquematizada pelo mainstream midiático e pela ortodoxia acadêmica dos departamentos de economia mundo afora, Friedman é a imagem de um lutador pacífico pelas ideias de livre mercado.

Quando Friedman morreu, a revista Fortune escreveu que ‘ele trazia a maré da história consigo’; foi aprovada, no Congresso dos Estados Unidos, uma resolução louvando-o como ‘um dos mais importantes campeões da liberdade do mundo, não apenas no campo econômico, mas em todos os sentidos’; o governador da Califórnia, Arnold Schwarzenegger, decretou oficialmente o dia 29 de janeiro de 2007 como o Dia de Milton Friedman e muitas outras regiões e cidades fizeram o mesmo. Uma manchete no Wall Street Journal resumiu essa narrativa bem-arrumada: “O Homem Liberdade” (KLEIN, 2008).

## 2.2. OS CHOQUES DA DOUTRINA

O primeiro laboratório no qual Friedman pode aplicar a doutrina de choque, foi durante a ditadura chilena de Pinochet. Cenário de choque, pois com a população atônita por conta de um golpe militar, seguido de uma crise de hiperinflação, economistas formados pela mesma escola de Chicago de Friedman organizaram a política econômica do governo ditatorial.

Friedman aconselhou Pinochet a impor uma reforma econômica bastante rápida – corte de impostos, livre-comércio, serviços privatizados, cortes nos gastos sociais e desregulamentação. Em alguns casos, os chilenos viram até mesmo suas escolas públicas serem substituídas por escolas privadas mantidas por créditos estudantis emitidos pelo governo na forma de vouchers. Foi a estratégia mais extrema de apropriação capitalista jamais tentada em qualquer lugar, e ficou conhecida como a “revolução da Escola de Chicago”, pelo fato de que muitos economistas de Pinochet tinham estudado sob a orientação de Friedman na Universidade de Chicago. Friedman previu que a rapidez, a brusquidão e o objetivo da mudança econômica

iriam provocar, no público, reações “psicológicas que facilitariam” o ajuste. (KLEIN, 2008, grifo nosso).

De acordo com a autora “Pinochet também facilitou o ajuste com os seus tratamentos de choque próprios; em geral, implementou-os nas muitas celas de tortura do regime, infligindo-os a aos corpos retorcidos daqueles que foram considerados obstáculos à transformação capitalista.” (KLEIN, 2008).

De proêmio, em seu livro a autora usa a tortura como metáfora que melhor pode descrever o processo de um choque do qual afeta toda uma população e ainda qual o sentido e objetivo que essas torturas tem como função. A tortura tem sido uma parceira silenciosa dessa cruzada global pelo livre mercado. “A tortura, contudo não é apenas uma ferramenta empregada para aceitar a aceitação de políticas não desejadas por populações rebeladas; é também uma metáfora da lógica que permeia a doutrina do choque.” (KLEIN, 2008)

A tortura sendo então uma forma sistemática de violência psicológica e física de gerar confusão e desorientação temporária no torturado, forçando-o a se desprender de suas próprias convicções e consciência, tornando-o facilmente suscetível a sugestões dos torturadores, cedendo a sua vontade. “A tortura, ou “interrogatório coercitivo” no linguajar da CIA, é um conjunto de técnicas destinadas a colocar prisioneiros em estado de profunda desorientação e choque, de modo a obrigá-los a fazer concessões contra a própria vontade. (KLEIN, 2008).

Buscando embasamentos empíricos para corroborar com sua tese de choque, Klein elabora uma genealogia de A Doutrina do Choque e quais eventos traumáticos foram responsáveis pelos avanços do neoliberalismo. Compilando fontes documentais desde o golpe militar chileno de 1973, até a política de “guerra ao terror” adotada pelo governo dos Estados Unidos da América, que foi instrumentalizada para justificar as invasões militares do país por várias nações na região do oriente médio como Afeganistão, Iraque e Iêmen, como forma de imposição da visão de “livre-comércio e democracia”.

Olhando pelas lentes dessa doutrina, os últimos 35 anos parecem diferentes. Algumas das violações mais infames dos direitos humanos de nossa era, que tendem a ser encaradas como atos sádicos perpetrados por regimes antidemocráticos, foram cometidas com a intenção clara de aterrorizar o público, ou ativamente empregadas a fim de preparar o terreno para a introdução das “reformas” radicais de livre mercado. Na Argentina da década de 1970, o “desaparecimento” de trinta mil pessoas sob o governo da junta militar, muitas delas ativistas de esquerda, fez parte da imposição ao país das políticas da Escola de Chicago, do mesmo modo que o pavor foi parceiro para um tipo similar de metamorfose econômica no Chile. [...] (KLEIN, 2008).

De certo, esses moldes de ampla violência não se sustentariam em países de capitalismo central, ou como a autora coloca, de governos onde o neoliberalismo tenha ascendido de forma democrática.

Ainda assim, para a autora, a lógica da doutrina do choque mantém seu *modus operandi* de choque e então avanço nas agendas neoliberais.

A guerra nas Malvinas, em 1982, serviu a um propósito similar a Margaret Thatcher no Reino Unido: a desordem e a exaltação nacionalista resultantes da guerra lhe permitiram empregar uma força descomunal para derrotar mineiros em greve e deslançar a primeira onda de privatizações realizada em uma democracia ocidental. [...] (KLEIN, 2008).

Hodiernamente, o método mantém o seu cerne, apesar de ter se aperfeiçoado, modernizado e se automatizado. A grande experiência de choque, ou seja, a mais completa experiência de implementação neoliberal já feita, teria sido na invasão ao Iraque. Ao governo do presidente dos Estados Unidos da América, George W. Bush

Para inaugurar o complexo do capitalismo de desastre, a administração Bush super ampliou sem nem um debate público, muitas das mais sensíveis e cruciais funções de governo – como a provisão de seguro-saúde para soldados, o interrogatório de prisioneiros, a coleta e o armazenamento de dados sobre todos nós. O papel governamental nessa guerra sem fim não é o de um administrador que lida com uma rede de fornecedores, mas o de um capitalismo aventureiro cujo bolso não tem fundo, que tanto oferece dinheiro para a criação deste complexo quanto se transforma no maior cliente de seus novos serviços. [...] (KLEIN, 2008).

### 2.3. CONSIDERAÇÕES A OBRA

As exposições de Klein demonstram a ferocidade de grandes corporações em dominar as narrativas históricas e de seus indivíduos e por conseguinte, o domínio do próprio entendimento da história. A autora se preza então a investigar a história contra-hegemônica do liberalismo refletida tanto na imagem de Friedman, quanto de seus mitos. Contestando a pacificidade da implementação das ideias de cunho liberais disseminadas por todo o mundo.

Este livro é uma contestação da suposição mais fundamental e acalentada da história oficial - a de que o triunfo do capitalismo desregulado nasceu da liberdade, de que mercados não-regulados caminham passo a passo com a democracia. Pelo contrário, vou mostrar aqui que essa espécie fundamentalista de capitalismo foi parida pelas formas mais brutais de coerção infligidas tanto sobre o corpo político coletivo quanto sobre os incontáveis corpos individuais. A história do livre mercado contemporâneo - mais bem compreendida como a ascensão das corporações - foi escrita com choques. (KLEIN, 2008).

A obra de Klein remonta a uma análise empírica e jornalística sobre a história do neoliberalismo, mostrando que essas práticas desorientadas e violentas - choques - são, não algo inédito na história do capitalismo, mas sim que o choque é inerente ao avanço do neoliberalismo<sup>84</sup>.

<sup>84</sup> Vale nesse ponto ressaltar que a autora não faz uma crítica contumaz ao capitalismo, sua exposição aparece como crítica ao neoliberalismo. Em diversos pontos do seu livro fica clara a dissociação do que é "liberalismo radical" e prejudicial para o que seria um capitalismo saudável. Voltaremos a esse ponto mais adiante na exposição deste artigo.

Sua obra surge com importância na análise do capitalismo contemporâneo, onde governos utilizam de desorientação coletiva para avançar agendas de cunho neoliberal. Ao mesmo tempo explicita a necessidade da crítica à economia política nas investigações científicas do capitalismo, como a forma mais completa da busca dos processos contraditórios essenciais do sistema.

### **3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONCEPÇÃO DE CRISE COM BASE EM MARX**

Para podermos observar o fenômeno da doutrina do choque por um prisma orientado pelo materialismo histórico dialético, buscando a formulação de uma crítica no sentido especificamente marxiano, vale uma digressão em sentido de resgate, sobre a concepção de crise de acordo com o método proposto.

#### **3.1. CRISE**

Apesar da ausência de uma formulação desenvolvida deixada por Marx ainda em vida, é errôneo admitir que o autor tenha sido indiferente com a percepção do papel de crise no capitalismo, portanto temos como manifestação da negação dialética do capital, as crises em um contexto de desenvolvimento teórico avançado dos mercados mundiais. No entanto, as determinações de crise não surgem apenas no momento mais desenvolvido do capital, apenas tem seu posicionamento neste contexto. A crise, visto ser imanente ao processo de valorização do valor, pode ser alcançada desde a análise mais primitiva de capital, logo em seu início do desenvolvimento teórico da categoria.

Ainda na discussão teórica da circulação simples de mercadorias, Marx trata do duplo aspecto da mercadoria e seu processo de compra e venda como manifestação antitética da mercadoria:

Dizer que esses dois processos independentes e antitéticos formam uma unidade interna significa dizer que sua unidade interna se expressa em antíteses externas. Se, completando-se os dois pólos um ao outro, a autonomização externa do internamente dependente avança até certo ponto, a unidade se afirma violentamente por meio de uma crise. (MARX, 1867).

A cada novo avanço na categoria de capital, a antítese em manifestação da crise permanece presente, apenas tomando novos formatos em desenvolvimento paralelo ao capital em seus diferentes estados de metamorfose.

Portanto a relação de existência entre o capital – valor que se valoriza – e crise é intrínseca e dependente, mesmo que de certo não se apareça de forma evidente, visto o esvaziamento do sentido

da palavra crise, por conta da generalização da expressão da qual toma o significado de qualquer forma de “desagregação e decadência em uma esfera qualquer da sociabilidade” (GRES PAN, 1994).

Ao caracterizar a sociedade civil-burguesa como capitalista, isto é, pelo poder fundamental que nela exerce o capital, Marx a caracteriza ao mesmo tempo por estar sujeita a crises determinadas pelo modo complexo com que atua o próprio capital. (GRES PAN, 1994).

Então para poder fazer um resgate do sentido de crise na obra de Marx é necessário romper e superar o aspecto de fenômeno exógeno de “simples negatividade” (GRES PAN, 1994) e então podermos defini-lo como expressão última e endógena da negatividade imanente presente nos diversos processos de metamorfose, valorização e expansão do capital, isto é, das manifestações da natureza contraditória do capital.

A crise então é representação da dialética da exposição do capital, caso contrário é idealização e não representa os fenômenos reais da crise, e como dito esvazia o sentido crítico da categoria de forma a torná-la algo exógeno ao capital. Essa forma apenas atinge uma observação do objeto de estudo, se mantendo não no campo de crítica, mas sim como simples análise da aparência do objeto.

É pela negatividade inerente do capital que Marx, “concebe a dinâmica do capitalismo enquanto movimento de constante superação e reposição de suas contradições” (GRES PAN, 1994), sendo então a crise a manifestação última da contradição do capital, e então não pode ser considerada apenas como fenômeno exógeno, secundário e não necessário a valorização do valor nas necessidades do capitalismo, é sim como o modus operandi essencialmente elementar para a compreensão do capitalismo.

### 3.2. CRÍTICA

Entendida a crise como manifestação negativa intrínseca ao capital, então fundamental para o entendimento de crítica presente neste artigo. Crítica não como um ataque externo aos fundamentos e concepções de um sistema e de seu arcabouço teórico, assim como desenvolvimento das categorias através da exposição dialética das contradições fundamentais do objeto de crítica.

O projeto marxiano de apresentação, assim, depende de que se aprenda o “fundamento” da economia capitalista – o valor e o capital enquanto valor que se valoriza – como algo contraditório, gerando daí um processo pelo qual cada forma se liga à outra enquanto “forma de manifestação” da contradição (GRES PAN, 1994).

A partir desta breve apresentação, da não dissociação de crise a crítica dentro do método marxiano, busco desenvolver uma crítica dentro de tais parâmetros, e não uma crítica externa à tese de Klein (2008). Entendendo que a exposição e o levantamento historiográfico apresentado em seu livro é de suma importância para a realização e aprimoramentos do debate sobre o capitalismo contemporâneo, porém admitindo que a autora não esgota seu objeto de estudo a ponto de apresentar uma teoria do desenvolvimento do neoliberalismo, apenas se atentando a aparência dos fenômenos narrados.

#### **4. NA CRÍTICA, CRISE E CHOQUE SE ENCONTRAM**

A proposta é, então, tratar as crises do capitalismo como fenômenos que surgem, se desenvolvem e eclodem como processo imanente ou intrínseco ao movimento de valorização do capital e, portanto, devem ser apreendidas a partir de uma análise que vá além da aparência do fenômeno. Assim, a necessidade de se perceber os movimentos de posição e negação, de crescimento e crise, de valorização e destruição do valor torna-se parte indissociável do método proposto, que busca entender dialeticamente o desenvolvimento do boom e da crise como partes indissociáveis do valor na sociedade capitalista, assim como valor de uso e valor o são no corpo da mercadoria essencial.

A nossa proposta é tratar as crises do capitalismo como fenômenos que surgem, se desenvolvem e eclodem como processo imanente, intrínseco ao movimento de valorização do capital e, portanto, devem ser apreendidas a partir de uma análise que vá além da aparência do fenômeno. Assim, a necessidade de se perceber os movimentos de posição e negação, de crescimento e crise, de valorização e destruição do valor torna-se parte indissociável do método proposto. Busca-se entender dialeticamente o desenvolvimento da crise como parte indissociável do valor na sociedade capitalista, assim como valor de uso e valor o são no corpo da mercadoria essencial.

De acordo com Klein, durante o período de ascensão do capitalismo neoliberal, Friedman e seus seguidores se ocupavam em esquematizar suas estratégias de implementação de livre mercado e reformas econômicas, estratégia essa que seria “esperar uma grave crise, vender partes do Estado para investidores privados enquanto os cidadãos ainda se recuperava do choque, e depois transformar as reformas em mudanças permanentes” (KLEIN, 2008). No momento de eclosão de uma grande crise econômica, deve-se ter então ideias a disposição, usando deste momento para implementar privatizações e reformas das competências do estado frente a economia e redução de gastos públicos, enquanto a população ainda traumatizada com o choque, não teria condições de reagir ao feroz avanço das mudanças.

Klein ainda usa recorrentemente uma citação de Friedman, buscando corroborar com a sua tese.

Somente uma crise – real ou pressentida – produz mudança verdadeira. Quando a crise acontece, as ações que são tomadas dependem das ideias que estão à disposição. Esta, eu acredito, é a nossa função primordial: desenvolver alternativas às políticas existentes, mantê-las em evidência e acessíveis até que o politicamente impossível se torne o politicamente inevitável. (FRIEDMAN, 1984, apud KLEIN, 2008).

Assim se forma a “tática nuclear<sup>85</sup> do capitalismo contemporâneo” (KLEIN, 2008) de desastre e livre-comércio, que então a autora cunhou o termo, doutrina do choque. Para os economistas da escola de Chicago, assim que uma crise se instala, “uma nova administração tem de seis a nove meses para realizar as principais mudanças; caso não agarre a oportunidade para agir de modo decisivo durante esse período, não terá outra chance igual” (FRIEDMAN, 1984, apud KLEIN, 2008).

Klein faz um levantamento historiográfico sobre como e quão violenta foram as diversas vezes que o neoliberalismo buscou ser implantado como forma dominante das relações sociais. Porém a autora apenas se mantém na aparência desses fenômenos. Quando a autora busca explicar o avanço do neoliberalismo através do “capitalismo de desastre”, termo que aparece no subtítulo de seu livro, a sua ambição não pode ser descolada de um estudo do avanço do próprio liberalismo e por conseguinte do capitalismo.

[...] é por sua negatividade [do Capital] inerente que Marx concebe a dinâmica do capitalismo enquanto movimento de constante superação e reposição de suas contradições, de modo que a crise – enquanto manifestação privilegiada da auto-negação do capital – se apresenta como integrante da dinâmica global; e não como um aspecto secundário e acessório, mas enquanto elemento essencial para compreender seu Modus Operandi. (GRESPLAN, 1994).

Um estudo completo das crises no capitalismo deve levar em conta a contradição dialética da análise. A crise não é um fenômeno que ocorre em função apenas das intenções de um grupo de pessoas ou até mesmo de um desastre natural. Se a “crise é a manifestação privilegiada da autonegação do capital”, sendo assim, buscar a separação de crise e capitalismo é inapropriado para a investigação ao capitalismo. Crise é uma manifestação real do capitalismo.

Marx distinguiu entre investigação e exposição. A investigação exige o máximo de esforço possível no domínio do material factual. (...) O fim último da investigação consiste em se apropriar em detalhe da matéria investigada, analisar suas diversas formas de desenvolvimento e descobrir seus nexos internos. Somente depois de cumprida tal tarefa, seria possível passar à exposição, isto é, à reprodução ideal da vida da matéria. A essa altura, advertiu Marx que, se isso for conseguido, “então

---

<sup>85</sup> Aqui neste ponto a tradução em português produz um duplo sentido que pode ser aproveitado na exposição. No original, a “tática nuclear” tem sentido ao fazer uma analogia às armas de destruição atômicas, onde o neoliberalismo usa de sua força destruidora para poder se fortalecer e avançar sobre a sociedade. Porém, graças a tradução podemos entender “tática nuclear” como a presente no núcleo do capitalismo contemporâneo.

pode parecer que se está diante de uma construção a priori. (GORENDER, 1983) (O capital, Boitempo, PDF, p.31, Jacob Goreneder).

Ao apenas apresentar a aparência dos fenômenos do capitalismo contemporâneo, afirmo que Klein não alcança o real desenvolvimento do seu objeto de estudo. A forma da qual a apresentação dos fenômenos do capitalismo contemporâneo se sucedem, falsamente dá a tese de Naomi a concepção de que sendo então o capitalismo parecer uma constituição a priori, sendo a crítica apenas ao neoliberalismo. “Para Marx, o desenvolvimento real do objeto não pode ser constituído pela própria exposição dele, porque não é presidido pela dialética de seu conceito que se torna efetivo ao se expor” (GRESPLAN, 1994).

Diferentemente do que afirma Klein, o neoliberalismo não é algo surgido das ideias de alguns oportunistas. O capital usa de qualquer meio para se manter a valorização do valor. Sua única barreira é as que ele mesmo constrói e por tempo necessita. O caráter auto-negador e autodestrutivo do capital é a contradição que o faz avançar.

O neoliberalismo consolidou-se como ideologia dominante. E o neoliberalismo não é o produto inventado por uns quantos 'filósofos' que não têm mais nada em que pensar. O neoliberalismo não existe fora do capitalismo, antes corresponde a “uma nova fase na evolução do capitalismo” (NUNES, 2015).

No entanto, para a autora o capitalismo poderia ir em certa direção mais socialmente benéfica, sem o uso de violência social ou pessoal. Mais que isso, afirma de forma categórica que o caminho histórico saudável para o capitalismo, seria o estado de bem estar social keynesiano.

Eu não estou argumentando que todas as formas de sistema de mercado são inerentemente violentas. É possível a existência de uma economia de mercado que não exija tamanha brutalidade nem imponha esse tipo de purismo ideológico. Um mercado livre para produtos de consumo pode coexistir com um sistema público de saúde, com escolas públicas, e com um amplo segmento da economia controlado pelo estado – como uma empresa petrolífera nacionalizada, por exemplo. É ainda factível exigir das corporações que paguem salários decentes e respeitem os direitos dos trabalhadores de formar sindicatos, e dos governos que cobrem impostos e redistribuam a riqueza a fim de reduzir as desigualdades que caracterizam o Estado corporativo. Os mercados não precisam ser fundamentalistas. (KLEIN, 2008).

Ao tratar o capitalismo como uma construção a priori, Klein não alcança em nossa opinião o verdadeiro sentido de uma crítica ao seu objeto de estudo, portanto mais uma vez fica evidente o fato de que, em seu livro, Klein apenas faz uma exposição dos fenômenos. Aqui procuro portanto afirmar que devemos superar a exposição, buscando em uma análise científica a exposição da essência dos fenômenos tratados, não confundindo essência e aparência.

Entender a obra de Klein como análise da aparência e não como crítica aos processos de valorização do valor, é um ponto importante deste artigo. A partir deste entendimento pode-se construir uma crítica no sentido mais estrito e metodologicamente.

Esse artigo busca não invalidar toda rica investigação jornalística feita pela a autora, porém sim, apropriar-me dela para iniciar a busca de uma crítica ao capitalismo contemporâneo sob o prisma da economia política. O livro “A doutrina do Choque”, portanto, é uma obra crítica como se parece entender, porém insuficiente do ponto de vista da análise concreta da realidade material, fundamental na investigação para a produção de uma obra que busca entender de forma crítica seu objeto de estudo.

Os choques não são manifestações das ideias de um grupo de acadêmicos ou grandes capitalistas. O tratamento de choque, a tortura as guerras são apenas mais uma um dos muitas formas que o capital usa para se manter valor que se valoriza, pois sem o ser não é mais capital.

Para entendermos o capital, o capitalismo e suas crises como um todo cujas partes não sejam tratadas isoladamente, devemos abandonar as análises estáticas e aparentes dos fenômenos e procurar entender a essência da reprodução dinâmica desse modo de produção. Nesse sentido, o método dialético torna-se nossa principal ferramenta de estudo.

#### **4.1 A HISTÓRIA DO CHOQUE É A HISTÓRIA DA CRISE**

A onda neoliberal que atinge primeiro a periferia capitalista, para então ser hegemônica em todo o sistema, é mais que simples oportunismo, e sim fruto da das necessidades do Capital, que estava com condições de taxa de lucro baixa nos anos 1970, e através do seu processo englobador e avassalador – que tem o poder de fazer tudo se curvar-se a ser seu vassalo - açambarcou novos mercados que eram dominados pela esfera pública – estatal – apropriando-se com a compra a irrisórios valores, que nem mesmo seriam valores de indenização pelas perdas das firmas antes públicas.

Esta crise mostrou igualmente que a capacidade de produção instalada no mundo capitalista era excessiva relativamente ao poder de compra agregado da população. No caso dos EUA, a indústria utilizava em 1975 apenas 74% da sua capacidade de produção. (NUNES, 2015).

E trouxe também à luz do dia um fenômeno que se vinha observando com clareza, especialmente a partir de meados dos anos 1960, nas mais importantes economias capitalistas: a tendência para a baixa da taxa de lucro. (NUNES, 2015).

Mais a frente, ao alvorecer dos anos 1980 e a queda da hegemonia soviética sobre os países do leste europeu, uma nova onda de avanço capitalista segue em direção a periferia do sistema capitalista, novos mercados prontos para serem espoliados, mercados que durante décadas de governos socialistas, se mantiveram fechados para as relações sociais de mercado capitalistas, e agora estavam prontos para a “terapia de choque”.

Após o desmoronamento da União Soviética e da comunidade socialista, os neoliberais de todos os matizes convenceram-se, mais uma vez, de que o capitalismo tinha garantida a eternidade, podendo regressar impunemente ao 'modelo' puro e duro do século XVIII. (NUNES, 2015).

Ao aproximar dos anos 90, com a enfim oficial dissolução da União Soviética, o capitalismo superava mais uma de suas barreiras. Agora então o centro capitalista deveria estar sujeito às empreitadas de liberalização violenta em nome do capitalismo recém vencedor da guerra fria.

[...] Na Inglaterra, foi eleito o governo Thatcher, o primeiro regime de um país de capitalismo avançado publicamente empenhado em pôr em prática o programa neoliberal. Um ano depois, em 1980, Reagan chegou à presidência dos Estados Unidos. Em 1982, Kohl derrotou o regime social liberal de Helmut Schmidt, na Alemanha. Em 1983, a Dinamarca, Estado modelo do bem-estar escandinavo, caiu sob o controle de uma coalizão clara de direita, o governo de Schluter. Em seguida, quase todos os países do norte da Europa ocidental [...] (ANDERSON, 1995).

Iniciariam então, uma nova onda de avanço neoliberal, desta vez nos dois centros do capitalismo. O capitalismo que ganhara a fama de vencer o comunismo, se radicaliza.

No plano das políticas económicas, a resposta a esta crise estrutural do capitalismo traduziu-se na chamada “revolução conservadora”, iniciada com o thatcherismo no Reino Unido (1979) e com a reaganomics nos EUA (1980). Foi o início de um novo ciclo, em que a ideologia neoliberal se confirmou, também na esfera política, como a ideologia dominante, a ideologia das classes dominantes, sob a liderança do capital financeiro. (NUNES, 2015).

E por fim, na análise de Klein, o superchoque. O Iraque foi a experiência mais ampla de um choque nos moldes da tese da qual a autora elabora, o choque do ataque terrorista de 11/7 aos diversos pontos dos EUA seguido do choque dos bombardeios e torturas nos campos de petróleo do Iraque, que agora estavam a disposição do capital. Porém o mais inovador no Iraque, foi transformar a própria guerra em uma forma de valorização inédita, através das firmas de segurança e dos exércitos particulares que surgiram nesse contexto histórico.

O papel primordial das guerras, portanto, era o de abrir os mercados que estavam fechados e o de gerar novos surtos de crescimento no pós-guerra. Agora as guerras e o enfrentamento dos desastres estão de tal maneira privatizados que se tornam, eles próprios, os novos mercados; não há mais necessidade de esperar o fim da guerra para obter crescimento – o meio é a mensagem. (KLEIN, 2008).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a exposição neste artigo feita, pode-se iniciar então uma crítica elaborada ao capitalismo, com um arcabouço teórico fundamentado na crítica à economia política a partir do livro “A Doutrina do Choque: a ascensão do capitalismo de desastre”.

Através dos processos históricos, o capitalismo tem em suas contradições, a essência de seu avanço. O capitalismo não possui barreiras se não ele mesmo, isso quer dizer que, o capital não encontra limites ao avançar sobre quaisquer relações sociais, o capital avança e avançará sobre todas as barreiras externas, e irá às transpor. Sua única barreira é portanto as suas próprias contradições internas e essas contradições são por excelência as crises. Mesmo com o capital em constante valorização a destruição está sempre presente e em latência de ocorrer, quando portanto essa latente crise, latente destruição se pratica, a crise então se deflagra, a doutrina do choque então proposta por Klein é a doutrina não de “um capitalismo fundamentalista” diferente, mas sim de uma fase histórica do capital.

O neoliberalismo, portanto, é a força avassaladora do capitalismo, e é no entanto, o próprio capitalismo metamorfoseado em mais uma de suas formas históricas. Mas não deixando de ser capitalismo. Apesar das crises constantes crises ocorridas desde o início das aplicações neoliberais, que podem ser presenciadas até hoje, o neoliberalismo parece ter alcançado um dos seus principais objetivos. Política e economicamente o neoliberalismo se coloca como a única alternativa possível para ser seguida, não há política econômica capitalista alguma que ouse desafiar os preceitos de austeridade, privatização, e subserviência do estado frente a iniciativa privada.

[...] Socialmente, ao contrário, o neoliberalismo conseguiu muitos dos seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais, embora não tão desestatizadas como queria. Política e ideologicamente, todavia, o neoliberalismo alcançou êxito num grau com o qual seus fundadores provavelmente jamais sonharam, disseminando a simples idéia de que não há alternativas para os seus princípios, que todos, seja confessando ou negando, têm de adaptar-se a suas normas. [...] (ANDERSON, 1995).

O capital sendo avassalador, açambarca todas as relações sociais em sua lógica, fazendo-as metamorfosear em mercadorias. O neoliberalismo não é nada diferente de capitalismo. Buscar separá-los em diferentes categorias é apenas uma forma de mistificá-los, separando a essência da aparência. É exatamente essa errônea separação “sujeito-predicado” da qual já advertia Marx ao elaborar o fetiche, que aparece na tese de capitalismo de desastre de Klein.

## 6. REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Balço do neoliberalismo**. In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

GORENDER, Jacob. **Apresentação**. In O capital: crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital / Karl Marx; tradução de Rubens Enderle. - São Paulo: Boitempo, 2013. p. 14-34.

GRESPLAN, Jorge. **A crise na crítica à economia política**. Crítica Marxista, São Paulo: Boitempo, v.1, n.10, 2000, p. 94-110.

\_\_\_\_\_. **A dinâmica da crise**: Um estudo sobre o conceito de crise na crítica da economia política de Marx. Campinas. 1994. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque**: A ascensão do capitalismo de desastre / Naomi Klein; tradução de Vania Cury. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital / Karl Marx; tradução de Rubens Enderle. - São Paulo: Boitempo, 2013.

NUNES, António. J. A. **A Análise Marxista ajuda a compreender a Crise Atual do Capitalismo**. Revista de Direito da Faculdade Guanambi, Guanambi. Ano.1, n.1, out. 2015, P. 6-22.

PEREIRA. Tito Luiz. **Autoritarismo e Choque**: a violência como forma de aplicar políticas neoliberais na ditadura Pinochet. Florianópolis, 2014. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Santa Catarina.